AMÉRICA HISPÂNICA: documentação e bibliografia

Eliane Garcindo Dayrell
Francisca L. N. Azevedo
Guillermo Giucci

Pretendemos apresentar aqui parte dos resultados do projeto "Levantamento do acervo documental e bibliográfico referente à América Hispânica encontrado em bibliotecas do Rio de Janeiro". Este projeto vem sendo por nós desenvolvido desde 1987 no Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, com o auxílio de alunos bolsistas, e se constituiu na base da formação do PEA – Programa de Estudos Americanos, criado em maio de 1991 para continuar, aprofundar e ampliar investigações relativas ao tema.

O que se segue são algumas apreciações sobre o caráter geral do acervo encontrado e conclusões relativas à parte do material já sistematizada e publicada na Coleção América.

Em 1991 foi publicado o primeiro volume desta coleção, *A conquista do Novo Mundo*: fontes documentais e bibliográficas relativas à América Hispânica, editado pela FUJB – Fundação José Bonifácio. Este catálogo indica, com relação aos temas obras gerais, América Pré-Hispânica, descoberta/conquista, e colônia, o acervo das seguintes bibliotecas: Biblioteca Nacional, Real Gabinete Português de Leitura, Biblioteca Euclides da Cunha, Biblioteca da Academia Brasileira de Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/UFRJ e da Fundação Getúlio Vargas.

No início de 1992, publicou-se o segundo volume da coleção, sob o título *A conquista da América Espanhola*. Trata-se de uma coletânea de documentos sobre os temas descobrimento, conquista do México, conquista do Peru, conquista e anticonquista, e ordenação da conquista, incluindo textos contextualizadores, informações sobre autores e/ou origem dos documentos, anexos e bibliografias de apoio.

O projeto "Levantamento do acervo documental e bibliográfico" originou-se de discussões e avaliações sobre a situação dos estudos relativos à América Hispânica em geral, e sobre as condições específicas desses estudos no Rio de Janeiro. A partir daí, um grupo de professores e alunos de-

Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n. 9, 1992, p. 97-105

cidiu empreender o levantamento do material encontrado na cidade.

Os objetivos que se tinha em mente eram principalmente a identificação e sistematização do material existente, a fim de torná-lo acessível aos estudiosos, estimulando e buscando valorizar trabalhos e pesquisas referentes à história da América, como também a reunião de dados para a elaboração e sustentação dos projetos de estudos do Setor de História da América do Departamento de História do IFCS/UFRJ. Sem dúvida, a proximidade das comemorações do meio milênio da Descoberta da América estimulou a intensificação desses estudos. Por outro lado, o projeto permitiria, como de fato permitiu, o treinamento de alunos de gradução no trato de acervos documentais e bibliográficos.

Foram relacionadas várias bibliotecas do Rio de Janeiro, considerando-se a especificidade de seu conteúdo e a importância numérica dos títulos encontrados. Inicialmente optou-se por concentrar as atividades nas bibliotecas mencionadas no catálogo *A conquista do Novo Mundo*. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB foi incluído posteriormente, pela relevância de seu acervo, que será divulgado em volume específico. Na verdade, a riqueza e extensão dos acervos pesquisados constituíram agradável surpresa e obrigaram os pesquisadores ao contínuo esforço de adaptar os instrumentos e o pessoal disponíveis para a execução tanto do levantamento quanto da classificação, sistematização e informatização dos dados levantados.

A organização do material obedeceu a critérios regionais e temáticos. O critério regional corresponde às classificações encontradas nas bibliotecas, tomando-se como padrão a Biblioteca Nacional. As regiões pelas quais se classificou os acervos são as seguintes: América Central, América Geral, América do Sul, Argentina, Bolívia, Caribe, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, El Salvador, Equador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Porto Rico, República Dominicana, Uruguai e Venezuela.

A classificação temática obedece a uma cronologia tradicional: obras gerais, América Pré-Hispânica, descoberta/conquista, período colonial, independência, república. Esta classificação, embora balizada por critérios impostos pela organização dos acervos, também espelha cortes decorrentes da interpretação do processo histórico feita pelos conquistadores e cronistas, e pela própria produção historiográfica.

Foram consideradas obras gerais aquelas que tratam de diferentes etapas do processo histórico na América Hispânica. América Pré- Hispânica corresponde à história das sociedades americanas até a chegada dos europeus; descoberta/conquista, ao processo de confronto que ocorre na região durante os séculos XV e XVI; período colonial é aquele onde se deu a estruturação da colonização espanhola durante os séculos XVI, XVII e XVIII; independência corresponde ao período em que se configura a crise colonial, ao final do século XVIII e no século XIX. Finalmente, república abrange o processo de formação dos Estados Nacionais a partir do século XIX e sua trajetória pelo século XX.

As obras e os documentos levantados foram assim identificados segundo a temática, a região, a biblioteca, o autor, o registro na biblioteca, data e local de publicação. Foi esta a seqüência de dados utilizada na publicação dos resultados. O total de registros incluídos no primeiro catálogo atinge cerca de duas mil indicações. Essas obras e documentos estão em grande parte na Biblioteca Nacional, que abriga sem dúvida o mais extenso e valioso acervo.

Excetuando-se a cidade do México e Lima, antigas capitais do império castelhano na América, o Rio de Janeiro possui o mais valioso acervo de documentos referentes à época colonial espanhola nas Índias Ocidentais. Compõem esse acervo pri-

meiras edições das relações da conquista do Novo Mundo, narradas por soldados e missionários, além de textos de cronistas, seleções de autores espanhóis, antologias, narrações versificadas, crônicas indígenas, estudos pré-colombianos, textos satíricos e ensaios. As referências deste extenso material bibliográfico encontram-se pela primeira vez reunidas e organizadas segundo critérios rigorosos. Cabe-nos dar agora alguns exemplos da riqueza da prosa narrativa hispano-americana do período colonial existente nas bibliotecas do Rio de Janeiro.

Em relação ao período da descoberta, que de um modo geral se estende de 1492 a 1519, a Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional possui primeiras edições de extraordinário valor. Destaca-se entre elas a *Cosmographie Introductio cvm quibus dam geometriae ac astronomiae principiis ad eam rem necessariis insuper quattuor Americi Vespucii navigationes. Universalis cosmographiae descriptio tam in solido plano eis etiam infertis quae Ptholomeo ignota a nuperis reperta sunt*, de Martin Waldseemüller, impressa em Saint Dié em 1507. O livro é composto de duas partes distintas: a introdução geográfica (Cosmographie Introductio) e o relato das quatro viagens de Américo Vespúcio (quattuor Americi Vespucii navigationes). No seu texto, Waldseemüller propõe – pela primeira vez – chamar as novas terras descobertas de "América", em homenagem a quem considera ser o seu descobridor, Américo Vespúcio. Entre várias opções, o nome América prevaleceu, sendo o termo que designa o nosso continente até boje. José Carlos Rodrigues, no seu *Catálogo annotado de livros sobre o Brasil* (Biblioteca Brasiliense), classifica o texto de Waldseemüller como a "obra básica da história da América".

Uma outra obra raríssima encontra-se na Biblioteca Nacional, *Il viaggio fatto da gli Spagnivolla torno a'l mondo*. O texto relata a primeira viagem de circunavegação, iniciada por Fernando de Magalhães e completada por Sebastián Elcano, na nau *Vitória* (1519-1522). No seu *Catálogo annotado*, José Carlos Rodrigues informa que a obra foi impressa em Veneza em 1534, para compor a quarta parte das *Viagens dos irmãos Sabbio*, mas só foi anexada a esta em alguns dos exemplares. Observa J.C. Rodrigues: "Além da tradução célebre da narração da viagem de Magalhães por Maximiliano da Transilvania, traz a de Pigafetta, tirada do seu próprio diário manuscrito, feito durante a viagem, as duas narrações sendo precedidas de um interessante prefácio do editor. A primeira narração é traduzida do latim, e a segunda, do francês. Ramusio inseriu esta última na sua coleção integralmente."

A epístola de Cristóvão Colombo ao escrivão dos Reis Católicos, Luis de Santangel, é conhecida como a *Carta anunciadora da descoberta do Novo Mundo*. Foi impressa em castelhano em Barcelona em começos de abril de 1493. Traduzida para o latim pelo clérigo aragonês Leander del Cosco, no mesmo ano teve várias edições (três em Barcelona, uma em Antuérpia, uma em Basiléia, três em Paris). Giuliano Dato a traduziu em oitava rima para o italiano, e ainda em 1493 saíram uma edição em Roma e duas em Florença. Além de contar no seu acervo com um belo exemplar fac-símile da primeira edição castelhana da carta de Colombo de 1493, a Biblioteca Nacional possui a primeira edição italiana da biografia de Cristóvão Colombo escrita por seu filho, Fernando Colombo. O título completo do texto é *Histoire del S.D. Fernando Colombo: nelle quali s'ha particolare, vera relatione della vita. & de fatti dell'Amiraglio D. Christoforo Colombo, sou padre; et dello scoprimento, chi égli fece dell' Índie occidentali, dette Mondo Nuovo, hora possedute dal Sereniss Re Catolico*. A obra foi publicada em Veneza em 1571.

A epístola de Vespúcio *Mundus Novus*, de 1503, dirigida a Lorenzo di Pier de Medicis, na qual o navegador florentido relata a sua terceira viagem e identifica o novo continente, se perdeu. Mas o arquiteto e erudito genovês Giovanni del Giocondo, que residiu em Paris de 1499 a 1507, traduziu a carta de Vespúcio para o latim, tradução esta que constitui a fonte de todas as edições posteriores. O texto de Giocondo foi vertido para o italiano e incorporado à famosa coleção de viagens *Paesi novamente ritrovati*, editada por Francanzano de Montalbodo em Veneza em 1507. A Biblioteca Nacional possui a primeira edição dos *Paesi*, coleção que inclui, entre outros relatos de viagens, a *Relação do Piloto Anônimo*, o único documento-testemunho relativo à descoberta da Terra de Vera Cruz (Brasil) publicado no século XVI.

Da etapa da descoberta, destacam-se ainda as cartas-relatórios de Cristóvão Colombo aos Reis Católicos incluídas na *Colección de los viajes y descubrimientos que hicieron por mar los Españoles*, o epistolário de Américo Vespúcio estudado em profundidade no livro de Roberto Levillier, *América, la bien llamada* (2 vols., Buenos Aires, Kraft, 1948), e o epistolário de Pedro Martir de Angleria, primeiro cronista da época dos descobrimentos americanos.

Da etapa da conquista, que abarca o período de 1519 a 1570, destacam-se as relações referentes ao ciclo da dominação dos impérios asteca e inca. Redigidas entre 1519 e 1526, as *Cartas Relatorios* de Hernán Cortés (Medellin, 1485 – Castilleja de la Cuesta, 1547) visam informar o imperador Carlos V sobre as características da Nova Espanha e o processo de conquista da nova terra. A informação de Cortés é reiterada por outro testemunha e ator da conquista do México: Bernal Díaz del Castillo (Medina del Campo, 1495 – Guatemala, 1582?), com sua famosa crônica, a *Verdadera Historia de la Nueva España*.

Uma outra versão da conquista do México encontra-se no livro *Visión de los vencidos, relaciones indígenas de la conquista*, texto indispensável para compreender o drama da dominação espanhola a partir da perspectiva indígena. *Visión de los vencidos* contém os cantos dos poetas nahuatl que sobreviveram à captura de Tenochitlán, a relação anônima de Tlatelolco, de 1528, os depoimentos dos informantes do frade Bernardino de Sabagún, os principais testemunhos pictográficos pelos quais os índios escreviam a sua história e breves narrativas testemunhais tanto dos indígenas inimigos como aliados de Cortés. Miguel León-Portilla equipara a dramaticidade das relações indígenas às grandes epopéias clássicas. Com efeito, trata-se de documentos de alto valor literário e humano. Por outro lado, as relações indígenas ilustram de maneira nítida as dificuldades encontradas pelos mensageiros de Moctezuma para descrever o novo e a diferença de atitudes psicológicas perante o desconhecido que distanciaram profundamente a cultura nahuatl da européia.

Em relação ao primeiro aspecto, os mensageiros de Moctezuma descrevem os conquistadores como homens vestidos de ferro com caras brancas feito cal; as caravelas transformam-se em "torres ou montes pequenos flutuando por cima do mar"; os cavalos convertem-se em temíveis veados sem chifres; e os cachorros são enormes, "com grandes línguas pendentes e olhos que derramam fogo". No tocante à atitude psicológica de Moctezuma *vis a vis* à chegada dos europeus, o imperador asteca mostra-se ambivalente, mas se deixa intimidar pelas profecias que indicam o retorno de Quetzalcóalt e identifica Cortés com um deus. Levi-Strauss tem argumentado que a representação do europeu pelo indígena americano foi muito mais generosa que a reprodução inversa, pois enquanto o primeiro percebeu no segundo um deus, o segundo visualizou no índio um

bárbaro. Esta discrepância cultural nas apreciações da natureza, das pessoas e da história terá sido um dos aspectos que simplificaram a conquista da América pelos espanhóis.

A conquista do Peru é relatada pelo testemunho dos atores do golpe de Cajamarca e da tomada de Cuzco. O historiador peruano Horacio Urteaga publicou o texto *Los cronistas de la conquista* (Biblioteca de Cultura Peruana, Desclée de Brower, Paris, 1938), que inclui os relatos de Francisco de Jerez, *Verdadera relación de la conquista del Perú y provincia del Cuzco, llamada la Nueva Castilla, conquistada por el magnífico y esforzado caballero Francisco Pizarro*; de Pedro Sancho de la Hoz, *Relación para S.M. de lo sucedido en la conquista y pacificación de estas provincias de la Nueva Castilla y de la calidad de la tierra*; de Miguel de Estete, *Noticia del Perú*; de Hernando Pizarro, *A los Magníficos Señores, los Señores Oidores de la Audiencia Real de Su Majestad, que residen en la ciudad de Santo Domingo*; de Pedro Pizarro, *Relación del descubrimiento y conquista del Perú*; e do Autor Anônimo, *La conquista del Perú llamada la Nueva Castilla*.

A crônica soldadesca coincide nos aspectos essenciais referentes à cilada de Cajamarca (15 de novembro de 1532). Cento e sessenta espanhóis dominaram facilmente um exército de cinqüenta mil homens e o imperador de um império em expansão. Na época da chegada dos castelhanos ao Peru, o *Tawantinsuyo*, "a terra dos quatro ventos", encontrava-se fracionado pela guerra civil. Atahualpa, reconhecido como inca na região de Quito, tinha conseguido recentemente aprisionar seu meio irmão Huascar, sucessor legítimo do inca Huayna Capac, e se dirigia com o seu exército para a capital Cuzco. O repertório lendário sobre Francisco Pizarro enfatiza que o conquistador jamais conheceu o medo. Com cento e sessenta combatentes, decidiu encontrar o inca na cidade de Cajamarca. Atahualpa foi ao encontro dos castelhanos ricamente trajado e protegido por uns cinco mil soldados semi-armados. Chegou sentado sobre uma liteira, numa pequena cadeira com uma almofada coberta de ouro. Pizarro já tinha dividido seus homens em vários grupos, escondidos nas casas que rodeavam o palácio. O exército estava preparado para o ataque. Só um religioso, o dominicano Vicente de Valverde, e o intérprete, o índio Felipillo, receberam o inca.

Na sua *Historia General de las Indias*, o cronista Francisco López de Gómara relata o encontro entre Atahualpa e Vicente de Valverde. Segundo Gómara, o frade aproximou-se do inca levando uma cruz numa mão e seu breviário na outra. A seguir fez-lhe a reverência, abençoou-o com a cruz e pregou-lhe em espanhol uma versão condensada da "História universal". Com umas poucas frases Valverde cobriu a mensagem da Bíblia. Deus, sendo três em um, criou do nada o mundo e formou da terra o homem, ao qual chamaram Adão e do qual todos originamos. Como Adão pecou contra seu criador por desobediência, todos os humanos após este ato transgressor nasceram e nascerão sob o estigma do pecado original. Jesus Cristo, enquanto configuração do verdadeiro Deus, desceu do céu para nascer da Virgem Maria e assim redimir a espécie humana do pecado. Valverde referiu-se rapidamente à crucificação e à ressurreição de Cristo. E culminou a primeira parte de seu discurso explicando o processo de transferência de poderes para São Pedro e os papas, e agora, com a descoberta da América, para o rei da Espanha, a fim de garantir a conquista e a conversão dos habitantes do Novo Mundo. O analfabeto Francisco Pizarro inscrevia-se nessa genealogia da autoridade como representante do Ocidente cristão nas Índias.

A inferioridade numérica não parece ter intimidado o frade, que segundo Gómara ameaçou Atahualpa: *"Y sabed que si hacéis lo contrario os daremos guerra y os quitaremos os ídolos, para que dejéis la engañosa religión de vuestros muchos y falsos dioses."* A cena é tanto mais ridícula levando-se em conta a situação gravíssima dos castelhanos devido à sua inferioridade numérica. Além disso, o frade intima o imperador de um império poderoso, estando este na sua liteira, posicionado, portanto, simbólica e fisicamente acima do sentencioso dominicano. Mas, se confiarmos nos cronistas que narram o evento, Atahualpa dedicou-se a rebater ponto por ponto os argumentos de Valverde, enquanto Pizarro e seus soldados permaneciam escondidos nas casas. Finalmente, Atahualpa teria perguntado ao dominicano como ele sabia que o Deus dos cristãos criara o mundo.

O cristianismo é a religião da palavra e do livro. Valverde replicou que seu livro assim o dizia, e entregou-o ao imperador. Continua o cronista López de Gómara: *"Atabaliba (Atahualpa) lo abrió, miró, hojeó, y diciendo que a él no le decia nada de aquello, lo arrojó al suelo. Tomó el fraile su breviario, y se fue a Pizarro gritando: Los evangelios en tierra; venganza, cristianos: a ellos, a ellos, que no quieren nuestra amistad ni nuestra ley."*

Pizarro deu então ordem de ataque, e os guerreiros lançaram-se diretamente sobre a pessoa do inca. Note-se que os argumentos invocados pelo frade, o da Bíblia lançado ao chão e o da vingança, tendem a transferir a culpa da guerra para os indígenas. Na verdade, aconteceu exatamente o contrário, pois Pizarro tinha planejado com antecipação e extremo cuidado a colocação de seus soldados, à espera de um momento oportuno para capturar Atahualpa. Com a derrubada de Atahualpa de sua liteira, o império inca desabou. As testemunhas da cilada de Cajamarca calculam que no espaço de duas horas "morreram" uns três mil soldados incas, mas nenhum espanhol. A maior parte do exército inca, que tinha permanecido em alerta a poucos quilômetros de Cajamarca, retirou-se para o norte.

O fato é que, nesta primeira fase da conquista do Peru, os incas não lutaram. A queda do imperador selou o destino do império, que veria a seguir a tomada da capital Cuzco, o resgate do tesouro do inca, a rebelião do inca Manco II, alcunhado "O Fugitivo", e as guerras civis entre os próprios conquistadores. Em 1541 Francisco Pizarro seria assassinado na sua residência em Lima por um grupo de *almagristas*.

Entre outros atores hispânicos da conquista, distingue-se ainda Alvar Núñez Cabeza de Vaca, com *La relación que dio Alvar Núñez Cabeza de Vaca de lo acaecido en las Indias en la armada donde iba por gobernador Pánfilo de Narváez. Desde el año de veinte y siete hasta el año de treinta y seis que volviò a Sevilla con tres de su compañía* (Zamora, 1542). Alvar Núñez participou da desafortunada expedição de Pánfilo de Narváez à Flórida. Essa expedição partiu no dia 17 de junho de 1527 do porto de São Lúcar de Barrameda, para conquistar e governar as províncias situadas entre o rio das Palmas e o cabo da Flórida. Da armada originária, composta de cinco navios e uns seiscentos homens, sobraram – depois de nove anos de sofrimentos – só quatro dos participantes. Alvar Núñez foi o primeiro europeu a atravessar o sul do que atualmente se conhece como os Estados Unidos. A pé, nu e faminto, peregrinou da costa Atlântica até o Pacífico. Descobriu o rio Mississipi e o bisonte americano, caiu prisioneiro dos índios seminolas e dos sioux, trabalhou como escravo e mercador dos indígenas, realizou "milagres", pacificou regiões em conflito e denunciou a violência da conquista épica levada a cabo pelos soldados castelhanos. Como título de Adelantado do Rio da Prata

chegou em 1540 à América do Sul e explorou o Brasil meridional e o rio Paraguai, na expedição que foi registrada no texto *Comentarios*, atribuído a Pero Hernández, secretário de Cabeza de Vaca.

A descoberta e a conquista do continente americano deram lugar à épica hispano-americana colonial. Alonso de Ercilla y Zúñiga (Madri, 1533-1594), aclamado pelo seu poema épico *La Araucana*, chegaria a ser conhecido como o "inventor do Chile", segundo o epíteto dado pelo poeta chileno Pablo Neruda em 1971. A fama de *La Araucana* na época da sua publicação, sua extraordinária qualidade literária e sua decisiva contribuição para a fundação mitológica da nacionalidade chilena, garantiram a imortalidade da obra de Alonso de Ercilla. A Biblioteca Nacional possui a primeira edição da Parte I da *Araucana*.

Juan de Castellanos (Alanís, Sevilha, 1522 – Tunja, 1607), escreveu a narração versificada mais extensa da língua espanhola – 113.609 versos –, dividida em quatro partes e conhecida com o título de *Elegías de Varones Ilustres de Indias*. A primeira parte trata da descoberta da América por Cristóvão Colombo e pelos primeiros conquistadores; a segunda, da conquista da província da Venezuela; a terceira, das incursões dos soldados em Cartagena, Popayán, Antioquia, el Choco, e das aventuras do pirata Francis Drake; a quarta narra a história da conquista do reino de Nova Granada. Ao analisar as *Elegias* de Juan de Castellanos, o crítico Meo-Zilio afirmou que o poema narrativo representa uma "improvisação total, um corte umbilical com o clássico... É a aventura da viagem sem retorno (ao contrário de Ulisses e Enéias), a *débâcle* do clacissismo renascentista que se baseava num suporte arquetípico... É a grandeza de quem, não achando nada, encontra o significado do que não achou".

Existe uma abundante bibliografia de crônicas gerais quinhentistas nas bibliotecas do Rio de Janeiro. A obra mais famosa é a de Bartolomé de las Casas (Sevilha, 1474 – Madri, 1566), "o mais virtuoso e heróico defensor dos índios", segundo a avaliação do historiador cubano da escravidão José Antonio Saco, e "o primeiro espanhol americano", segundo o comentário de Raimundo Lazo. A obra do cronista oficial das Índias, Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdéz (1478-1557), em particular a sua *Historia General y Natural de las Indias*, merece especial destaque no âmbito das narrações da conquista. A primeira parte, publicada em 1535, foi reimpressa em 1547, traduzida para o francês em 1555, e um ano depois incluída, em italiano, na *Raccolta di navigationi e viaggi* de Giambattista Ramusio (Veneza, 1556). A já citada *Historia General de las Indias*, do professor da Universidade de Alcalá e amigo de Cortés, Francisco López de Gómara (1510-1572?), teve um êxito imediato. Publicada pela primeira vez em 1552, foi reimpressa em Medina del Campo um ano depois, em Saragoça em 1554, e traduzida em vários idiomas. Mas, por razões obscuras, teve sua impressão proibida pela monarquia espanhola. Completa a lista dos cronistas gerais quinhentistas o jesuíta José de Acosta (Medina del Campo, 1540 – Salamanca, 1600). Sua *Historia Natural y Moral de las Indias* foi publicada pela primeira vez em espanhol em 1590 e obteve grande êxito. No momento de sua publicação, a *Historia* de Acosta – um amplo panorama da geografia do Novo Mundo e dos costumes dos nativos – ocasionou uma profunda surpresa aos europeus.

Neste âmbito, deve-se destacar a contribuição especial do inca Garcilaso de la Vega (Cuzco 1539 – Córdoba 1616), geralmente considerado o melhor prosista da América espanhola do período colonial. Filho do capitão espanhol Garcilaso de la Vega e de Isabel Chimpu Ocllo (neta de Túpac Yupanqui), o inca viveu os primeiros vinte anos em Cuzco. Em 1560 mudou-

se para a Espanha, onde morreu cinqüenta e seis anos depois. Publicou em 1590 a sua tradução dos *Diálogos do Amor* de León Hebreo, em 1596 a *Relaciónde la descendencia de Garci Pérez de Vargas*, em 1605 *La Florida*, e em 1609 a primeira parte dos *Comentarios Reales de los Incas* (a segunda parte é de 1617), seu livro mais famoso.

Nos *Comentarios Reales*, o inca Garcilaso concede um papel fundamental ao empreendimento unificador do império incaico como preparação para a chegada do império hispânico na América Latina, iguala Cuzco a uma nova Roma, e reelabora a história da conquista do Peru. Segundo Garcilaso, para quem a história tem uma finalidade exemplar e ética, a vitória dos espanhóis em Cajamarca só pode ser explicada pela participação da mão de Deus no evento. Sua perspectiva providencialista e messiânica se revela de modo transparente quando – contrariamente ao narrado por todas as testemunhas oculares da cilada do 15 de novembro de 1532 – ele afirma que Atahualpa vira em Pizarro um 'Capac Viracocha' (emissário divino) e que ambos os líderes, ao se encontrarem, abraçaram-se com admiração mútua e grande amizade.

O conflito central entre os incas e os castelhanos consistiu, na interpretação de Garcilaso, num problema de tradução. O índio Felipillo, intérprete do diálogo entre Atahualpa e o dominicano Valverde, teria sido, indiretamente, o estopim da guerra ao ter torpemente traduzido os sofisticados pontos doutrinais do cristianismo expostos pelo frade. Porém, fica claro nos *Comentarios* que Atahualpa, mesmo identificando Pizarro como um mensageiro divino – o que teria levado o imperador dos incas a receber amistosamente os castelhanos e a aceitar resignadamente seu destino –, critica a conduta dos guerreiros espanhóis ao qualificá-los de *"tiranos, que andáis destruyendo el mundo, quitando reinos ajenos, matando y robando a los que no os han hecho injuria ni os deben nada"*.

Garcilaso sublinha a superioridade da religião cristã, mas ressalta os méritos civilizatórios do império incaico na época anterior à chegada dos espanhóis e condena a ação violenta e cruel dos conquistadores no Peru. Seus escritos contribuíram para forjar a nacionalidade peruana. Bernard Lavalle, inclusive, consagra o inca Garcilaso como precursor dos escritores latino-americanos que, no desterro europeu, afastados de suas raízes e imbuídos de outras culturas, acharam e souberam expressar o sentido da realidade em que nasceram.

Relatos muito valiosos pertencem à primeira metade do século XVII. *El origen de los Indios de el Nuevo Mundo e Indias Occidentales* do frade dominicano Gregorio Garcia (Cózar 1575? – Baeza 1627?), livro publicado em 1607, expõe e critica as múltiplas propostas que tratam da procedência dos índios americanos e discute os problemas referentes à evangelização apostólica na América. No parecer de Gregório Garcia (Livro Quarto, Capítulo XXV), os índios procedem de diversas nações do hemisfério norte e alcançaram o quarto continente de modos distintos em épocas diferentes. Uns teriam atingido as terras americanas por mar, forçados por tormentas; outros de modo voluntário por arte da navegação; alguns teriam caminhado em busca das terras mencionadas nos autores famosos; outros aportado a elas por acidente ou compelidos pela fome. O cronista dedica a parte final do seu livro (Livro V, Capítulos I-IX) ao comentário dos próprios indígenas sobre suas origens.

Antonio de Herrera (Cuellar 1549 – Madrid 1625) obteve em maio de 1596 de Felipe II o cargo de "Cronista Mayor de Indias"; pouco tempo depois, o de "Cronista de Castilla y León". Até a morte manteria ambos os cargos. A sua *Historia General de los Hechos de los Castellanos en las Islas y Tierra-Firme de el Mar Occeano* (conhecida também com o título de *Décadas*) é uma obra volumosa. O mérito

principal da obra reside na abundância de informação sobre o expansionismo castelhano na América, informação que Herrera com freqüência simplesmente copia ou glosa dos relatos de outros atores. Porém, a leitura das *Décadas* é fundamental, pois vários dos documentos, relações e livros aproveitados pelo cronista da corte felipina não existem mais.

Antonio León Pinelo (Valladolid, 1595 – Madri, 1660), em *El paraíso de el Nuevo Mundo. Comentario apologético. Historia natural y peregrina de las Yndias Occidentales, islas y tierra firme del mar oceano* (obra completada em 1650), argumenta que o paraíso bíblico achava-se nas terras a leste da cordilheira dos Andes. O pensamento de León Pinelo, que respaldou a autoridade de sua tese com profusas referências a autores da Antiguidade clássica e mediterrânica, increve-se no contexto da exegese bíblica que não admite a categoria do desconhecido: a presença do indígena no continente americano devia ser um fenômeno compreensível no marco dos conceitos intelectuais fornecidos pela Bíblia.

Outros dois textos da primeira metade do século XVI são de grande interesse nas terras coloniais. A narração romanceada *El Carnero*, de Juan Rodriguez Freyle (Santa Fé de Bogotá 1566 – depois de 1638), mistura a história da descoberta e conquista do reino de Nova Granada e da fundação de Santa Fé de Bogotá com anedotas sobre a vida privada dos personagens e famílias locais da cidade. A *Corónica Moralizada* do agostiniano Antonio de la Calancha (1548-1654), natural de Chuquisaca e educado em Lima, combina a história da conquista espiritual do vice-reino do Peru com descrições da cidade de Lima e considerações de ordem moral.

Sor Juana Inés de la Cruz (San Miguel de Nepantla 1651? – México 1695) e o polígrafo Carlos de Siguenza y Góngora (1645-1700), os dois letrados coloniais mais brilhantes, representavam uma nova vertente do pensamento hispano-americano, anunciador do pensamento iluminista.

El Lazarillo de ciegos caminantes, livro de viagem publicado em Lima em 1776, de Alonso Carrió de la Vandera (1715? - 1783), retrata satiricamente a vida da América do Sul no final do século XVIII e anuncia o fim do sistema colonial na América. A *Historia del Nuevo Mundo* (primeira parte impressa em 1793)de Juan Bautista Muñoz fecha o ciclo da historiografia do período colonial.

Estas observações dão uma idéia da riqueza e do significado do acervo disponível nas bibliotecas do Rio de Janeiro. Através da Coleção América pretende-se atingir dois objetivos principais: de um lado, a divulgação da massa desse acervo, de sua disponibilidade física e das condições de acesso, através de catálogos indicativos. De outro, a divulgação crítica da documentação, de forma ordenada e sistematizada, através de antologias, elaboradas em duas linhas: uma voltada para o público universitário e para os estudiosos do tema em geral, e outra voltada para os estudantes do primeiro e segundo graus, com o acréscimo de diretrizes e exercícios. As antologias observarão o critério básico do cotejo das versões na apresentação dos textos e documentos, e divulgarão majoritariamente documentos originários do acervo levantado, podendo também ocorrer a introdução de textos relevantes não encontrados nesse acervo. Esta concepção atenderá ao mesmo tempo à preocupação com o ensino da história e à prática da pesquisa em fontes documentais.

Eliane Garcindo Dayrell e Francisca L.N. Azevedo são professoras do Departamento de História do IFCS/UFRJ. Guilhermo Giucci é professor visitante da pós-graduação na UERJ. A primeira é coordenadora-geral do PEA, a segunda é coordenadora de pesquisa e o último, pesquisador-associado.